

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

SABRINA DOS SANTOS CARNEIRO

AS PROSTITUTAS PLAUTINAS

**PARINTINS/AM
2022**

SABRINA DOS SANTOS CARNEIRO

AS PROSTITUTAS PLAUTINAS

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras –
Língua portuguesa e respectivas literaturas, da
Universidade do Estado do Amazonas, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras

Orientador Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste

**PARINTINS/AM
2022**

SABRINA DOS SANTOS CARNEIRO

Aprovada ___/___/2022

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste (CESP-UEA)
Orientador

Professora Doutora Gleidys Meyre da Silva Maia (CESP-UEA)
Membro interno

Professora Mestre Anni Marcelli Santos de Jesus (SEDUC/PUC-MG)
Membro externo

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	2
RESUMO	3
ABSTRACT	3
INTRODUÇÃO	4
1. A PROSTITUIÇÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA	7
1.1. A prostituição em Roma	7
1.2. As prostitutas Romanas	9
1.3. <i>Scortum e Meretrix</i>	13
2. O TEATRO PLAUTINO	16
2.1. Plauto: Vida e Obra	16
2.2. O papel de Plauto na percepção da prostituição em Roma	18
3. AS PROSTITUTAS DA COMÉDIA PLAUTINA	20
3.1. Prostitutas de nascimento livre	20
3.2. Prostitutas sem o leno	29
3.3. Prostitutas ardilosas	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por nunca me abandonar.

A meus pais, Roseme dos Santos e Santos e Valter de Souza Carneiro, por todo o apoio durante o curso.

Ao meu esposo pelas palavras de incentivo.

Ao meu Orientador Dr. Weberson Fernandes Grizoste, por toda paciência, compreensão e exigência nas orientações, e por ter me apresentado o mundo Plautino. Agradeço pelos conselhos, foram fundamentais para meu crescimento tanto acadêmico, quanto pessoal.

As minhas queridas amigas Dayane Pontes, Terciane Castro, Larissa Barbosa, Gisely Garcia e Thaís Almeida por terem me ajudado quando precisei, por não soltarem a minha mão quando eu estava quase desistindo de mim. Minha eterna gratidão a vocês pela compreensão, amor e carinho.

A todas as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente nesta jornada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as características da figura da prostituta na literatura latina, especificamente nas obras do comediógrafo Tito Mácio Plauto, para compreender a visão do poeta acerca dessas personagens e do seu papel na sociedade romana. Sabemos que o poeta escreveu muitas peças que fizeram grande sucesso, principalmente porque em suas comédias o poeta retratava o cotidiano de personagens estereotipados, personagens estes que causavam riso ao público romano. Mas, quiçá o objetivo de Plauto era fazer uma crítica a sociedade romana através do cômico de suas obras. Dentre as personagens que aparecem em demasia, temos a figura da prostituta. Neste trabalho analisaremos apenas as seguintes obras: *A comédia da cestinha*, *Cásina*, *Rudens* e *O truculento*. Nestas comédias busca-se mostrar a condição social das escravas prostitutas de Roma, caracterizadas por muitas das vezes serem mulheres de nascimento livre, raptadas na infância, vendidas como escravas e transformadas em prostitutas. Escolhemos apenas algumas prostitutas para análise, dentre elas: *Selênio*, *Cásina*, *Palestra*, *Fronésio* e *Astáfio*. O comportamento de cada uma foi analisado por categorias: (1) As prostitutas de nascimento livre; (2) As prostitutas sem o leno; e (3) As prostitutas ardilosas.

Palavras-chave: Prostituta; Plauto; Literatura Latina; Sexo.

ABSTRACT

This work tries to investigate the characteristics of the figure of the prostitute in Latin literature, specifically in the works of the comedigrapher Titus Maccius Plautus, to understand the poet's view of these characters and their role in Roman society. We know that the poet wrote many works that were very successful, mainly because in his comedies the poet portrayed the daily life of stereotyped characters, types that caused laughter to the Roman public. Perhaps Plautus' objective was to criticize Roman society through of the comic in his works, among the characters that appear too much, we have the figure of the prostitute. In this work we limit to analyse only the works: *Cistellaria*, *Casina*, *Rudens* and *Truculentus*, in these comedies we seek to show the social condition of prostitute slaves in Rome, characterized by often being women of free birth, kidnapped in childhood, sold as slaves and turned into prostitutes. We chose just a few prostitutes for analysis, among them: Selenium, Casina, Palaestra, Phronesium and Astaphium. The behaviour of each was analysed by categories: (1) Free-born prostitutes; (2) The prostitutes without the handkerchief; and (3) The cunning prostitutes.

Keywords: Prostitute; Plautus; Latin Literature; Sex.

INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a prostituição é uma das profissões mais antiga do mundo. Em Roma por exemplo, a atividade era regulamentada por lei e as prostitutas exerciam a profissão livremente. As mesmas pagavam impostos ao Estado para exercer tal profissão. Salienta-se que a perspectiva acerca da prostituição é construída a partir de dois vieses: Social e Moral. Socialmente o envolvimento com prostitutas era aceito, pois era o que movimentava a economia e era fonte de prazer, porém moralmente, haviam os romanos mais conservadores que condenavam tal prática. As prostitutas são vistas desde o mito da fundação de Roma como loba, *lupa* em latim, que faz referências as características do animal lupino, seria como uma loba que aguarda sua presa em seu antro, no lupanar (SALLES, 1983).

São muitas as fontes literárias de época que dão conta acerca das prostitutas, dentre alguns poetas destacamos Horácio com suas ideias epicuristas acerca da prostituição, e uma das suas maiores preocupações com a dilapidação do patrimônio dos homens livres nos lupanares; a exemplo, menos simpático ao sexo comprado, temos Ovídio que também retratou a temática da prostituição. No entanto, o nosso recorte centra-se na figura da prostituta recorrente nas obras do comediógrafo Tito Mácio Plauto, conhecido por suas comédias que fizeram grande sucesso em Roma. Embora suas comédias tenham tido como principais modelos as peças do teatro grego de Dífilo, Filêmon e Menandro, Plauto em cada obra acrescentava, senão temas, locais e personagens que se referiam à vida cotidiana de Roma (CORREIA, 2007). E entre as personagens mais apresentadas, as prostitutas ganhavam destaque.

Nas comédias latinas é sempre perceptível as características das prostitutas como mulheres ardilosas. Muitas são as suas artimanhas usadas para conseguirem seus objetivos, ou seja, sua imagem é construída de forma geral, como mulheres sem escrúpulos. Mas, a partir de um estudo mais profundo acerca dessas personagens, percebemos que Plauto, na verdade, estaria fazendo uma crítica à sociedade, principalmente aos homens que recorriam as prostitutas, a maioria só se preocupava em satisfazer seus prazeres carnis, e conseqüentemente perdiam seu patrimônio, pois não procuravam conhecer o histórico destas mulheres.

Seja como for, nas comédias plautinas, as prostitutas são sempre apresentadas como ardilosas, constituindo duas concepções acerca dessas personagens: a primeira é que eram mulheres ávidas por dinheiro, que só se preocupavam em dilapidar o patrimônio de seus amantes, e que não tinham nenhum tipo de afeto por estes, verdadeiras criaturas movidas pela ganância; a segunda é que eram apenas vítimas da sociedade, cada uma com sua história, tinham

aquelas que eram raptadas quando criança, as escravas, ou seja, eram ardilosas pela necessidade de sobrevivência.

Acerca da dramaturgia de Plauto, Oliveira (2013) diz que a principal preocupação de Plauto era fazer o público romano rir, buscando situações originais e típicas do gosto desse público. Mas para outros autores como Rodrigues e Vieira (2017), Plauto na realidade estaria fazendo uma crítica à sociedade e seus costumes através do riso.

Em vista disso, o objetivo desta pesquisa é investigar as principais características das prostitutas nas obras de Plauto, para compreender a visão do poeta acerca dessas personagens e do seu papel na sociedade romana. Pretendemos analisar as prostitutas de nascimento livre; perceber as prostitutas sem o *leno*; analisar o papel supostamente ardiloso das prostitutas, e para o *corpus* da análise escolhemos quatro obras: *A comédia da cestinha*, *Cásina*, *Rudens* e *O Truculento*. Assim, pretendemos neste trabalho mostrar como essas mulheres eram representadas nas comédias plautinas e qual era seu papel na sociedade romana? O porquê das ações ardilosas dessas personagens?

Desta forma, organizamos este trabalho em três capítulos: no primeiro capítulo intitulado “A prostituição na Antiguidade Clássica” faremos um breve percurso acerca da prostituição de forma geral, depois será discutido especificamente sobre as prostitutas romanas, para conhecermos a origem dessas mulheres, como viviam e quais lugares eram mais frequente a presença das prostitutas. Logo em seguida discutiremos os termos *Scortum* e *Meretrix*, visto que cada termo era utilizado nas comédias plautinas para diferenciar até a classe social das prostitutas, por isso a importância de sabermos acerca dessas nomenclaturas a partir dos estudos de Adams (1983), Conceição (2015) e Salles (1983).

No segundo capítulo “O teatro Plautino” faremos uma breve abordagem sobre a vida e obra de Plauto, pois julgamos ser importante conhecermos sua trajetória. No mesmo capítulo também abordaremos o papel de Plauto na percepção da prostituição em Roma, onde o poeta traz em suas comédias a temática da prostituição, retratando como ocorria e quais eram os homens que mais recorriam as prostitutas, tendo como base teórica Correia (2007), Rocha (2010) e Duckworth (1994).

Por fim, no terceiro e último capítulo faremos uma análise das seguintes personagens prostitutas nas comédias plautinas: Selênio (*A comédia da cestinha*), Cásina (*Cásina*), Palestra (*Rudens*) e Fronésio e Astáfio (*Truculento*). Ressaltamos que além das personagens das prostitutas, também foi necessário analisar os discursos de outros personagens que se envolvem na trama, como por exemplo na peça *Cásina*, a prostituta-personagem não aparece no palco,

então o que disseram as outras personagens serão essenciais para análise. Para fundamentar a análise, buscaremos primariamente o apoio de Conceição (2014), Duckworth (1994), Ferreira (2013; 2015), Grizoste (2018; 2020) e Salles (1983).

1. A PROSTITUIÇÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

1.1. A prostituição em Roma

O estudo de textos da antiguidade clássica é sempre de extrema importância para conhecermos as raízes de nossa cultura. No que diz respeito a prática da prostituição, sabemos que é considerada uma das atividades mais antiga do mundo, na Grécia por exemplo, havia classes hierárquicas entre as prostitutas, desde as meras escravas, até as que também obtinham dotes artísticos, estas por vezes circulavam livremente entre a elite. De acordo com Roberts (*Apud* GOIS e LIMA 1998, pg.73) para poder obter controle das mulheres dos templos gregos, foi criado sacerdotes homens, e conseqüentemente, foi criado um “código moralista de repressão ao sexo, considerando-o algo negativo. É a partir daí que começa a verdadeira história da prostituição, com as sacerdotisas do templo vendendo o corpo para sobreviverem no sistema imposto”. De acordo com Sadaba (1986, pg. 226) pode-se presumir que a prostituição se espalhou por todo o Império Romano, e que a documentação a cerca desta prática, centra-se principalmente em Pompeia e Roma:

Los graffiti pompeyanos deben considerarse como un documento sume mente objetivo y veraz, y los restos arqueológicos, algunos en magnífico estado de conservación (3). permiten conocer, además de las escuetas referencias del graffiti, las características de los establecimientos y la experiencia y prácticas de estas profesionales (SADABA, 1986, pg. 226).

Os romanos tinham grande facilidade de adaptar-se aos costumes de outras culturas, com isso passaram a seguir os hábitos dos gregos, ou seja, usufruir do sexo comprado, vivendo assim uma vida devassa. Conforme Salles (1983, pg. 171), diferente das cidades gregas, a cidade de Roma tornou-se o pano de fundo dos prazeres sexuais mais obscuros, a desculpa da vida à grega foi indissociável para que os romanos vivessem uma vida em torno dos prazeres sexuais.

Todavía, não é necessário lembrar que os romanos não esperaram evidentemente pelo "mau exemplo" dos gregos para entregarem-se a prazeres condenáveis. O mito do romano casto, corrompido por costumes estrangeiros, deve ser posto na lista dos acessórios de uma comédia que os partidários da castidade original do povo latino gostam de representar (SALLES, 1983, pg. 171).

A procura por prazer sexual nas ruas tornou-se comum, até os romanos mais conservadores concordavam com tais práticas, alegando que a busca por prazer com as prostitutas é indispensável em uma sociedade, era necessário para manter-se a ordem social, para proteger as matronas e crianças. Em Roma, a atividade passou a ser regulamentada em lei,

as prostitutas chegavam a pagar impostos a partir de seus ganhos. De acordo com Weisner (2014) a prostituição passou a ser uma fonte de renda e prazer em Roma, mas era vista de forma dicotômica: era aprovada socialmente e suspeita por razões morais.

Although the people went to brothels for pleasure and companionship, they were also scared of the ethical implications of paying for sexual relations. Despite this conflict, brothels were a common sight in Roman cities. For example, brothels in Pompeii were located throughout the “elite and impoverished residential and commercial neighborhoods.” No matter how accepted prostitution appeared to be, early laws prohibiting the activities inside these buildings seemed to contradict social acceptance (WEISNER, 2014, pg. 1).

Sabe-se que as visões acerca da prostituição foram construídas a partir da perspectiva da elite masculina, sob dois vieses, social e moral. Socialmente o envolvimento com prostitutas era aceito porque lhes oferecia prazer, e ao mesmo tempo movimentava a parte econômica para os romanos, mas moralmente falando, havia aqueles mais conservadores que condenavam esta prática (ACKERMAN *apud* GRIZOSTE, 2018, pg. 48).

Assim como os documentos sobre a prostituição foram encontrados a partir de grafites em Pompeia, a prostituição era um tema bastante recorrente entre os poetas da literatura latina, poetas com visões positivas e negativas a essa prática, como no caso de Horácio, que em algumas de suas odes, épicos e sátiras, faz menção as prostitutas. O poeta tinha uma visão apologética quanto a prostituição para a sociedade, no sentido em que o homem não se colocaria em risco e nem desencaminharia as mulheres casadas, pois o adultério tinha punições gravíssimas quando pegos em flagrante com alguma matrona, nesse sentido, as prostitutas ofereciam um sexo seguro.

É importante frisar que Horácio não fazia apologia as prostitutas, mas sim a prostituição, aparentemente ele era insensível ao sofrimento destas mulheres e se importava apenas com a segurança dos homens livres. Na sátira 1.2 é possível identificar essa defesa que Horácio faz à prostituição, quando ele aconselha o homem a procurar uma prostituta à uma mulher casada, pois se apanhado em flagrante com uma matrona, o mesmo poderia ser humilhado publicamente, perder seus órgãos genitais, bem como ter a pena de morte decretada (Hor. S. 1.2).

No contexto horaciano, esta prática possuía uma função essencial para a ordem social, era “a prostituição fator de preservação das matronas romanas, protegendo a família e evitando que os homens incitem (sic) as mulheres virtuosas nas questões do adultério” (CONCEIÇÃO, 2014, pg. 22). Corroborando com a ideia, Casqueiro (2002) afirma ainda que naquela sociedade misógina, a existência de prostituta era não só aceita, como também recomendada:

Y la primera razón de ello era muy simple: en la casa de lenocinio el hombre podía desfogar su necesidad más primaria, lo que suponía, como consecuencia inmediata,

una seguridad para las mujeres de vida íntegra e intachable, que no se verían expuestas a la posible violencia y al acoso de hombres sexualmente reprimidos. Sólo se exige que tales prácticas masculinas se hagan con la discreción y sigilo requeridos (CASQUEIRO, 2002, pg. 237).

Ovídio, por sua vez, vai na contramão do pensamento Horaciano, pois para ele o sexo só é verdadeiro quando se tem algum tipo de sentimento, logo o sexo comprado não tinha sentido, “para Ovídio a questão é muito simples: se não há amor, então o sexo também deve ser evitado, porque não oferece um prazer verdadeiro” (GRIZOSTE, 2020, pg. 1), se a prostituta vende o prazer, o prazer dela não é no sexo, mas sim no dinheiro, e para Ovídio o sexo tem que ser um desejo mútuo. De acordo Grizoste (2018, pg. 48) a prática da prostituição fica marcada então “por sexo, dinheiro e indiferença emocional entre os parceiros”, onde a principal função é satisfazer as necessidades daqueles que buscam por sexo pago.

1.2. As prostitutas Romanas

Para que possamos conhecer quem são as prostitutas romanas, é necessário saber a origem dessas mulheres, como viviam, em quais lugares eram comuns à sua presença na sociedade antiga. De acordo com a mitologia latina, a presença da prostituta está intimamente ligada a fundação de Roma, contada a partir da história dos irmãos gêmeos Rômulo e Remo, que eram filhos do deus Marte e da filha de Numitor, chamada Réia Sílvia. A fim de que Numitor não tivesse nenhuma descendência, seu irmão Amúlio:

[...] ao saber do nascimento das crianças, as jogou no rio Tibre. A correnteza os arremessou à margem do rio e os garotos só sobreviveram ao serem salvos por uma loba, que os teria amamentado e cuidado deles até que fossem achados pelo pastor Fáustulo, que, junto com sua esposa, os criaria como filhos (CONCEIÇÃO, 2014, pg. 14).

De fato, as prostitutas já eram conhecidas desde o mito da fundação de Roma como lobas, baseada na racionalização do mito, esta seria a condição de uma mulher que teria cuidado dos irmãos gêmeos, Rômulo e Remo, abandonados no rio Tibre. De acordo com Salles (*apud* CONCEIÇÃO, 2014, pg. 14), o termo *lupa* em latim, nome por qual fora batizada pelos pastores, na verdade estaria associada ao animal lupino devido “as suas características da obscenidade proverbial, o odor e a capacidade do lupino”, como “uma loba que aguarda sua presa em seu antro, no lupanar”, similaridades essas relacionadas a figura da prostituta.

Assim como fora citado anteriormente neste trabalho, Roberts (*Apud* GOIS E LIMA, 2013, pg. 73) diz que na antiguidade, Roma passou a instituir “uma espécie de registro estatal

das prostitutas que passaram a pertencer a duas categorias: meretrizes registradas e prostitutas não-registradas”. Essas mulheres começaram a pagar impostos, tornando-se assim fonte de lucro para o Estado. Roberts ressalta ainda que as meretrizes eram consideradas mulheres livres, pois durante o dia exerciam sua atividade com cautela, e à noite frequentavam os bordéis, seguindo assim as regras impostas pelo Estado. Quanto as prostitutas não cadastradas, quase sempre eram escravas que ficavam em pequenos cômodos nos prostíbulos das localidades mais precárias das cidades Romanas – um lugar totalmente imundo, a espera de clientes, em sua maioria da mais baixa classe social.

Além da inscrição, a lei também determinava que todas as prostitutas de classe baixa deveriam se vestir de modo diferenciado das ditas “mulheres respeitáveis”. A roupa reservada foi a toga masculina e proibiu-se uso de trajes púrpuros, sapatos e joias. Em resistência a tais imposições, as prostitutas recorriam às roupas excêntricas, tingiam seus cabelos, pintavam os rostos e usavam roupas transparentes, tornando-as facilmente reconhecidas (MACHADO, 2017, pg. 13).

De acordo com os estudos de Conceição (2014) a vida das prostitutas de nível inferior que viviam no Subura, era mesmo degradante:

As condições de vida desses lugares eram iguais quanto à questão de superpopulação, resultando na convivência de pessoas de todos os tipos (de vendedores, sapateiros e feirantes a ladrões e mercenários), sendo aventuradas aquelas que podiam se abrigar, já que muitos eram os que moravam na rua. Em vista disso, eram precárias as condições das prostitutas que se aventuravam entre outras pessoas de ocupações situadas à margem da sociedade (CONCEIÇÃO, 2014, pg. 18).

Conforme Grizoste (2018, pg. 52), “a pobreza extrema nos bairros periféricos era, de forma geral, a maior responsável pela existência de prostitutas em Roma”, por isso o número de mulheres nestes lugares exercendo essa atividade era bastante grande. Mas é importante ressaltar que nem todas tinham a mesma origem, nem as mesmas condições, pois também havia as cortesãs do Aventino, que atendiam a classe alta, o oposto das prostitutas da Subura. As mulheres que eram facilmente encontradas no Aventino, geralmente possuíam dotes artísticos, tais como dançarinas, atrizes e tocadoras de flauta. No Aventino, instalavam-se as prostitutas “que atingiam um nível econômico-social superior, constituindo o que se convencionou designar por cortesãs” (RODRIGUES, 2009, pg. 386).

Percebe-se então, dois mundos distintos das prostitutas, em que se apresenta mulheres que vão desde as cortesãs do alto nível, refinadas e elegantes, ou seja, imitação das ilustres hetairas gregas, até as prostitutas mais pobres, de mais baixo status social (*vide* CASQUEIRO, 2002, pg. 242). As cortesãs seguiam um código de boas maneiras, que contemplava desde o modo como se vestiam até o jeito como se comportavam perante a sociedade, tudo isso para diferenciar-se das prostitutas pobres. Porém, como observa Salles (1983), Terêncio denuncia

que estas mulheres refinadas, quando sozinhas, se comportavam como as prostitutas de classe baixa, mostrando que ao final, ambas eram iguais por trás das fachadas.

Catherine Salles (*Apud* CONCEIÇÃO, 2014, pg. 16) divide as origens dessas mulheres em três classes: “a escrava liberta; a jovem que sustém a casa, agenciada na prostituição pelos pais (ou pelo tutor); e a mulher casada ou viúva que provém lucro”. A classe da escrava liberta, recorreria à prostituição para garantir sua sobrevivência e manter a economia da casa, aliás, seria “a precária condição de vida nos bairros populosos romanos, segundo Salles, somadas à ausência de trabalho e à vida miserável que acarretariam na explicação das duas próximas possíveis origens das mulheres como prostitutas” (*ibidem*), a maioria eram filhas jovens que para manter o sustento da casa, passava a exercer tal prática, meninas geralmente agenciada por seus próprios pais. Como percebemos, nem todas eram tão afortunadas:

Em muitos casos, era de crianças de tenra idade que, nas ruas de Roma, a aprendizagem da sexualidade vendida se fazia e a experiência se ganhava, por uma inevitável imposição econômico-social. Era isso que fazia da prostituição a única profissão que podia ser exercida por todos, sem exceções (RODRIGUES, 2009, pg. 393).

As prostitutas podiam ser encontradas em diversos lugares da cidade, não apenas em bordéis, mas também em praças públicas, nos templos e banhos, assim como havia aquelas que se instalavam junto aos túmulos que bordejavam os caminhos de acesso à cidade (MCGINN *apud* GRIZOSTE, 2020, pg. 32). À medida que os anos avançavam, certas mulheres não conseguiam mais tantos clientes. Pois, a beleza, um dos artifícios principais na prostituição, desaparecia com o tempo. Ainda assim não havia empecilhos, mesmo com “a idade avançada, a aparência pouco formosa, o físico deformado ou a saúde débil” nada as isentavam da venda dos seus corpos (RODRIGUES, 2009, pg. 395).

Conforme Weisner (2014, pg. 2) é possível verificar o status social de uma prostituta a partir dos grafites deixados nas paredes dos bordéis, mensagens tanto destas mulheres quanto de seus clientes. Weisner reitera ainda que se uma mulher era considerada impura e fosse abandonada pela família, automaticamente era rejeitada pela comunidade, portanto, a maioria das escravas prostitutas eram meninas que não tinham nenhum membro familiar para defendê-las – assim, tornavam-se vítimas dos cafetões.

A autora ainda afirma que as primeiras leis instituídas pela República tratavam as prostitutas como pessoas inferiores:

This first statute, the *lex Iulia et papia*, did not allow prostitutes or their pimps to marry outside of the ranks of ex-slaves.¹⁷ By creating this law, the government had set them up for social failure. Because sex workers were not allowed to marry anyone who was not a former slave, they had to no opportunity to ever move up the social ladder. The common people of Rome could easily use this rationale to explain why they did not

treat these people as Roman citizens. Why waste time worrying about someone who would never be more than an ex-slave? (WEISNER, 2014, pg. 3).

Havia vários tipos de prostitutas, vistas com preconceito pela sociedade romana, ao mesmo tempo eram fontes de lucro. No entanto, as mesmas causavam danos ao Estado pelo fato de que era preferível ao Estado que os homens fizessem sexo com suas esposas para ter filhos legitimamente romanos, pois os filhos com as prostitutas seriam apenas bastardos e não cidadãos – o sexo praticado assim tornou-se um fator que contribuiu para uma espécie de contaminação da sociedade romana.

Aparentemente, em alguns autores antigos e sobretudo na comédia, a figura das prostitutas, na maioria das vezes, era de mulheres ardilosas, sedentas por dinheiro, que só se preocupavam em dilapidar o patrimônio de seus amantes. Eram mulheres que não tinham nenhum tipo de afeto por seus clientes, movidas pela ganância. Mas em outra linha de raciocínio, que é o cerne desta pesquisa, estas mulheres eram apenas vítimas da sociedade, cada uma com sua história, buscando sobreviver.

Plauto vale-se então desta imagem preconceituosa e deturpada para apresentar essas prostitutas através de suas comédias, veremos no decorrer desta pesquisa como são divididas as categorias das prostitutas de plautinas.

Plauto e Terêncio escrevem sobre as criaturas famélicas, malnutridas, vítimas das mais variadas doenças, em que predominariam por certo as venéreas, expostas à porta dos seus cubículos, aguardando pateticamente por alguém que nelas reparasse e nelas reflectisse as suas filias ou tão simplesmente nelas confirmasse o valor que podia despender para o amor comprado, e com isso lhes proporcionasse as poucas moedas com que garantiriam a subsistência desse dia. Em muitos casos, essas mesmas mulheres, que agora tudo faziam por um quase-nada, tinham outrora sido deslumbrantes exemplares do seu sexo, vestindo-se e pintando-se de modo a serem os alvos da cobiça de todos os olhares, da Subura ao Aventino (RODRIGUES, 2009, pg. 395).

Embora houvesse divisões acerca das classes das prostitutas romanas, chega-se à conclusão de que mesmo com origens diferentes, todas estão “inseridas em um meio no qual a mulher é tratada como objeto de compra e venda, tendo seu valor aferido de acordo com sua beleza, modos e outros mais atrativos que lhe pudessem conquistar um provedor fixo e a elevar dentro do meio de profissionais do sexo” (CONCEIÇÃO, 2014, pg. 23). Independente da classe, no final todas as prostitutas eram vistas apenas como objeto sexual, e embora as mais requisitadas tentassem de alguma forma se colocar numa posição superior as outras que trabalhavam em lugares mais precários, todas acabavam por se comportar igualmente.

1.3. *Scortum e Meretrix*

Para que possamos compreender o aspecto social das prostitutas, é importante fazermos um breve apanhado acerca dos termos utilizados para referir-se a estas mulheres, que exerciam o ofício da prostituição na Antiguidade Clássica, nomeadamente em Roma. Sabe-se que as prostitutas ganharam muitas nomenclaturas no decorrer de sua atividade no âmbito sexual, havia um certo tipo de distinção entre os termos utilizados, servindo até para distinguir sua classe social. Conforme Weisner (2014, pg. 4), havia uma hierarquia entre as prostitutas que atuavam em Roma, portanto eram divididas em nomes diferentes, as mulheres que eram mais requisitadas e com preço mais caro, eram denominadas *Meretrix*, ao contrário das prostitutas designadas com o termo *Scortum*, que cobravam um valor bem mais baixo por seu trabalho, e muitas vezes eram chamadas também por *Lupa* que significa Loba, fazendo referência ao animal lupino.

De acordo com os estudos de Adams (1983, pg. 321), os termos mais comuns utilizados para denominar as prostitutas em latim eram *Scortum* e *Meretrix*, mas que possuíam suas diferenças, mesmo sendo nomes referentes as mulheres que exerciam a prostituição. Adams (1983) ressalta ainda que são muitas as razões para se ter uma riqueza de nomes aplicados as prostitutas em latim:

The reasons for the richness of the vocabulary applied to whores in Latin (and any language) are various. Sexual behaviour, like the sexualorgans, generally inspires euphemisms. Since euphemisms tend to become offensive themselves, they are often replaced. Secondly, whores are not a homogeneous class. They differ in social class, in their methods of soliciting, and in the services which they offer, and these differences may be reflected lexically. The numerous methods of soliciting adopted by ancient prostitutes furnish many of the terms in Latin. Thirdly, prostitutes provoke diverse reactions (ADAMS, 1983, pg. 321).

Nesse sentido, podemos perceber que a classe das prostitutas não era de natureza homogênea, ou seja, nem todas possuíam a mesma condição, nem trabalhavam em ambientes iguais, pode-se notar essas diferenças desde os lugares em que viviam, até os tipos de clientes a quem ofereciam seus serviços, e aqueles que abominavam tais práticas também não usavam os mesmos termos, percebe-se então que a condição das prostitutas refletiam no léxico, possuindo várias nomenclaturas (ADAMS, 1983, pg. 321). Além dos nomes mais comuns para denominar uma prostituta, na literatura latina existiam outros apelidos comuns a elas, entre eles: *prostibula, puella, publica, amica e moecha*.

Efectivamente, apesar de ganharem a vida do mesmo modo, em Roma, podemos detectar vários níveis e especialidades entre as vendedoras de sexo, o que se espelha nas designações que tomavam: *aelicaria, amasia, amatrix, ambubaia, ambulatrix, amica, blitea, bustuaria, citharistria, copa, cymbalistris, diobolaris, doris, famosa*,

foraria, fornix, gallina, lupa, meretrix, mima, noctiluca, nonaria, proseda, prostibula, quadrantaria, scortum, scortum erraticum ou simplesmente *spurca* (RODRIGUES, 2009, pg. 392).

As prostitutas romanas eram definidas de acordo com seu estilo, com “a sua especialidade, origem ou habitat: da prostituta de rua à do bordel; da que é associada à noite ou ao preço do seu corpo; da meretriz que não podia vangloriar-se de escolher os seus clientes” (RODRIGUES, 2009, pg. 292), normalmente as mulheres que não tinham um corpo tão atraente, que fossem velhas demais, ou com algum defeito físico, não conseguiam atrair muitos clientes, por isso não tinham escolhas, vendiam seus corpos a qualquer um para conseguir alguns trocados.

Segundo Adams (1983, pg. 322-323; cf. CONCEIÇÃO, 2014, pg. 15), o nome *Scortum* teria como significado real a palavra “couro”, fazendo comparações as partes íntimas da mulher à uma bolsa de couro, o autor ressalta ainda que uma segunda explicação para relação entre couro e as prostitutas, estaria associado aos trabalhos que eram feitos através dos couros para a fabricação de produtos e a prática sexual. O termo *Scortum* vai descrever o universo das prostitutas de condições mais precárias, ou melhor dizendo, no sentido vulgar, “sabe-se por exemplo que *amica, soror, e meretrix* eram termos mais brandos no que se refere as prostitutas do que *scortum e lupa*, que chegavam mesmo a ser ultrajante” (GRIZOSTE, 2020, pg. 3; cf. ADAMS, 1983, pg. 325-326).

Já o termo *Meretrix* pode ser traduzido como “mulher que ganha, mulher paga” comparando com o comércio (ADAMS, 1983, p. 324), ou seja, “em uma clara analogia à troca de favores sexuais por capital” (CONCEIÇÃO, 2014, pg. 15), seriam as prostitutas de classe alta, que atendiam clientes da alta sociedade. González (2001) corrobora ainda que:

La meretrix (prostituta, cortesana, ramera) es la que se gana la vida ella misma, la que se merece (merece) aquello que gana, en definitiva, la que se hace "digna" del dinero que recibe por el servicio que presta. La prostituta vende su cuerpo, lo alquila por horas, por días o incluso por tem poradas, es un objeto de alquiler que responde a una necesidad social apremiante por parte del que la solicita: la del sexo libre (GONZÁLEZ, 2001, pg. 112).

A partir das contribuições da autora, pode-se perceber que a definição quanto ao termo *Meretrix* é importante, pois “a lei e o direito que lhes é imposto dependerá tanto de seu significado quanto das conotações e esfera de ação que ela abrange” (GONZÁLEZ, 2001, pg. 112).

Com base nas explicações acerca dos dois termos para referir-se a uma prostituta, partiremos para a parte das classes sociais dessas mulheres na sociedade romana. Primeiramente, o termo *Scortum*, era relacionado para as prostitutas que podiam se encontrar

em lugares mais pobres, era usado pejorativamente, por isso a relação entre couro e prostituta (como dito anteriormente), pois essas mulheres trocavam seus favores sexuais por um preço tão baixo, muitas vezes o dinheiro dava apenas para custear sua comida.

A diferença entre os termos usados para se referir as prostitutas “teria relação com as funções sociais correspondentes às suas situações e posições dentro de Roma: caberia às prostitutas ser o objeto do amor livre e extraconjugal” (CONCEIÇÃO, 2014, pg. 16). As *Scortam* podiam ser encontradas em lugares como: nas ruas, nas localidades dos cemitérios, em pequenos prostíbulos, lugares muitas das vezes imundos, onde ofereciam seus serviços a baixo custo.

No que diz respeito as obras Plautinas, os termos para designar as prostitutas são bastante comuns, *Scortum* por exemplo foi usado mais pejorativamente, as *scortam* muitas vezes eram personagens que não possuíam nomes nas comédias (ADAMS, 1983, pg. 325).

Nesses casos, a escolha entre os termos estaria relacionada aos usos: a diferença de tom nas peças de Plauto nos comprovaria o uso de *Scortum* como a palavra mais pejorativa, caracterizando as personagens que são levadas apenas por algum tempo para relações sexuais em troca de dinheiro, sendo *scortum ducere* uma frase comum em Plauto, no sentido de "tomar uma prostituta" temporariamente para fins sexuais, sem que o nome da mulher apareça especificado (o termo estaria particularmente associado com as necessidades básicas, como comer e beber) (ADAMS, 1983, p. 325; CONCEIÇÃO, 2014, p. 15).

Em contraposição ao termo *Scortum*, em que a sua função era apenas oferecer o prazer sexual por um período de tempo, com a ausência de sentimentos, o nome *Meretrix* era mais relacionado quanto a relação amorosa entre um cliente e uma prostituta, visto nas obras plautinas como um objeto do verbo amar (ADAMS, 1983, pg. 325). De acordo com os estudos de Rodrigues (2009, pg. 393), as prostitutas autônomas, tinham a venda do corpo como “uma alternativa de subsistência econômica, quando não mesmo o seu único escape social”, a mulher alforriada podia usufruir de uma relativa independência econômica, que muitas vezes era uma questão de sobrevivência, de outro modo impossível. Geralmente eram mulheres que rejeitadas pela família, não tinham outra escolha, a não ser adentrar ao mundo da prostituição.

2. O TEATRO PLAUTINO

2.1. Plauto: Vida e Obra

Aqui, pretende-se, apesar das lacunas, mostrar quem foi o comediógrafo de Tito Mácio Plauto, pois pouco se sabe sobre sua jornada, poucas são as informações biográficas sobre o poeta. Sabe-se que Plauto nasceu em Sársina, na Úmbria, provavelmente no ano de 254 a.C. e que teria morrido em 184 a.C., data esta asseverada por Cícero (CORREIA, 2007, pg. 8; SOUZA 2004, pg. 1;). De acordo com especialistas, Plauto provinha de família não muito pobre, apesar de ter tido “a oportunidade de ter acesso à cultura e a língua helênica e, por conseguinte, de ler textos originais na língua grega” (CORREIA, 2007, pg. 8).

Sabe-se que sua língua materna foi o umbro, mas o mesmo tinha domínio do latim. Para alguns teóricos, o conhecimento do latim foi adquirido na própria Úmbria, mas para outros, em Roma, lugar onde erradicou-se ainda bem jovem. Quando adentrou numa companhia de teatro, o poeta reuniu uma boa fortuna, entretanto perdera toda ela no decorrer de suas viagens. Depois de perder sua fortuna teve que regressar a Roma e trabalhar para sobreviver, contudo nesse mesmo período Plauto começou a escrever suas peças, que foram imediatamente bem recebidas pelo público romano (SOUZA, 2004, pg. 1).

Meyer (1999, pg. 16) diz ainda que Plauto era um homem do povo, que por consequência de suas dívidas, foi obrigado a tornar-se escravo, e que passou a conviver num ambiente onde encontravam-se os taberneiros, as prostitutas e escravos, ou seja, o poeta viveu em contato direto com o povo de baixo status social. A autora ressalta ainda que o comediógrafo mesmo que disfarçadamente utilizava suas obras para “velha moral tradicional de Roma, condenando o perigo da liberdade, a necessidade de recusar as tentações da vida à Grega” (*ibidem*), ele demonstrava um mundo degradante, ao colocar os personagens estereotipados para lembrar a sociedade romana a existência de tais pessoas.

Das mais de cem comédias trabalhadas por Plauto e testemunhadas na antiguidade, são conhecidas na atualidade apenas vinte e uma, dentre elas estão: *Vidularia*, *Amphitruo*, *Asinaria*, *Aulularia*, *Bacchides*, *Captiui*, *Casina*, *Cistellaria*, *Curculio*, *Epidicus*, *Menaechmi*, *Mercator*, *Miles gloriosus*, *Mostellaria*, *Persa*, *Poenulus*, *Pseudolus*, *Rudens*, *Stichus*, *Trinummus* e *Truculentus*.

Nada existe de seguro quanto ao ano de representação dessas obras. Com exceção do *Stichus* e do *Pseudolus*, encenados, respectivamente, conforme suas didascálias, em 200 e 191 a.C., as demais peças possuem datas aproximadas, algumas ainda incertas e controversas, outras aceitas sem muita polêmica e coincidentes entre si na opinião

de vários críticos. Plauto estreou no teatro cômico, a julgar pela data da comédia mais antiga, fixada em torno de 215 a.C., aos quarenta anos, e somente o abandonou aos setenta, quando, por volta de 185 a.C., levou ao palco a *Casina*, considerada pela crítica como sua última peça (SOUZA, 2004, pg. 2).

Sabe-se que as informações acerca da vida de Plauto são incertas, e que as informações tanto de suas obras quanto de sua biografia são bastante contestáveis, já que nos restaram poucas fontes seguras, pois muitos dos textos plautinos podem ter sofrido alterações até termos acesso, e somente informações sobre o sucesso do comediógrafo é confiável (ROCHA, 2010, pg. 19). As comédias de Plauto fizeram grande sucesso não somente no seu tempo, mas também nos dias atuais, o poeta serviu de inspirações para outros escritores e dramaturgos, a exemplo temos: “Shakespeare e Molière, e (no que diz respeito aos escritores de língua portuguesa) Camões, Guilherme de Figueiredo e Ariano Suassuna em peças de Plauto. *Cásina*, especificamente, parece ter sido fonte de inspiração para a comédia de Maquiavel, *Clizia*” (ROCHA, 2010, pg. 20).

Segundo Duckworth (1994, pg. 4-6), as comédias de Plauto fornecem inúmeras referências acerca da vida e dos costumes romanos, bem como as localidades em Roma, suas peças merecem atenção e estudo por sua construção de enredo, seu delineamento de personagens, o suspense, a natureza de seu humor nas situações dos personagens, o tom moral, a ironia e a linguagem. Sabe-se que as obras plautinas foram escritas especificamente para o público romano que desejava apenas o entretenimento, e que não viam as peças de forma crítica, ou seja, para eles o que importava era o riso. Dentre os personagens mais comuns nas peças que despertavam gargalhadas no público, havia a figura da prostituta que é o objeto de pesquisa dentro deste trabalho.

As personagens prostitutas eram temas bastante recorrente nas peças de Plauto, figuras descritas pelo poeta como mulheres ávidas por dinheiro, que só causavam prejuízos onde quer que fossem. Eram mulheres que não tinham nenhum tipo de afeto por seus clientes, descritas sempre em situações aparentemente cômicas, como por exemplo - arruinando as fortunas de seus amantes. Mas todas estas mulheres possuíam suas peculiaridades, nem todas tinham uma condição perene, portanto é importante salientar as categorias que existiam entre elas, e quais tipos de clientes eram mais comuns a elas dependendo de sua classe social.

2.2. O papel de Plauto na percepção da prostituição em Roma

A prostituição em Roma era vista de forma dicotômica, posto que era aprovada parcialmente (GRIZOSTE, 2018, pg. 48), esta atividade era uma das principais fontes de rendas para o Estado romano (WEISNER, 2014, pg. 1). As fontes literárias que temos acerca da prostituição nos é dada a partir de uma visão masculina (ACKERMAN *apud* GRIZOSTE, 2018, pg. 48). As obras de Plauto, por sua vez, são de bastante relevância para refletirmos acerca dessa profissão e das condições das prostitutas, bem como dos que a ela recorriam – pois ele deixa transparecer vieses da sociedade romana, como era vista a prostituição.

A forma como em Roma se lidava com tal realidade sugere que havia sobretudo um aproveitamento da sua funcionalidade social, que dependia de uma noção rigorosa de estratificação e de hierarquia e da forma como estas se estabeleciam, não se condoendo com indivíduos ou com qualquer tipo de solidariedade social, aliás sem sentido neste contexto. Tal condição derivava naturalmente das concepções de indivíduo e sociedade. É, aliás, uma vez mais com a ajuda de Plauto que podemos entender esse *modus uiuendi*, num quase tratado ético da sexualidade romana (RODRIGUES, 2009, p. 399).

Plauto fez uma espécie de negativo do que acontecia na sociedade romana, ou seja, de como eram as condições dessas mulheres. Havia aquelas que foram sequestradas na infância e obrigadas a adentrar ao mundo da prostituição e que depois são encontradas por seus pais e se tornam livres novamente, como no caso de Palestra no *Rudens*; as que eram donas de seu próprio bordel, como por exemplo n’*O truculento* temos Fronésio que é independente, mas também na mesma obra temos Astáfio, uma escrava. O poeta demonstra em suas comédias mais de um exemplo de prostitutas, e essa postura de Plauto era uma espécie de denúncia quanto as condições de vida das prostitutas, postura que não encontraremos em muitos outros poetas. Horácio, por exemplo, não demonstra sensibilidade com as classes mais baixas, e também quando se trata das mulheres, sobretudo prostitutas; Horácio preocupa-se apenas com a condição dos homens, em satisfazerem seus caprichoso sexuais com as prostitutas, sem correr o risco de serem punidos ou perder seu patrimônio.

Plauto, por exemplo, constitui uma fonte privilegiada para a análise do fenômeno. São vários os passos da sua obra em que podemos descortinar informações pertinentes para o estudo desta temática. Recorde-se, aliás, que as prostitutas constituem mesmo uma personagem-tipo nos escritos plautinos, o que lhes confere um estatuto especial no corpus documental em causa. Em Plauto, encontramos inclusivamente um passo que funciona como um guia prático para conhecer a vivência da Urbe e dos seus habitantes, nos séculos III-II a. C. (RODRIGUES, 2009, pg. 383).

As meretrizes das comédias plautinas são divididas por Duckworth (1994, pg. 258; *cf.* FERREIRA, 2013. pg. 136) em duas categorias: a primeira são as prostitutas inteligentes, experientes, mercenárias e que não possuem afeto aos seus amantes; a segunda são meninas

mais jovens e que são fiéis aos seus amantes. Para as prostitutas do primeiro grupo, o fator determinante para a realização dos favores sexuais é o dinheiro.

Essas duas categorias podem ser associadas aos termos *scortum* e *meretrix*. A primeira categoria se encaixa no termo *scortum*, pois são prostitutas de classe baixa que visam apenas o dinheiro, não possuem laços afetivos com seus clientes, e são sempre mulheres dispostas a tudo para obter sustento. Já a segunda categoria, pode-se relacionar ao termo *meretrix*, no sentido de que estas sempre são jovens apaixonadas por seus amantes, e não se deitam com mais nenhum homem.

Os tipos de clientes que mais usufruíam dos serviços da prostituição, descritos como alvos das prostitutas na comédia plautina eram sempre velhos viciados ainda na juventude, rapazes imberbes e ingênuos, soldados que retornavam da guerra repletos de dinheiros e despojos; até mesmo os escravos se entregavam a estas mulheres. Então podemos perceber que a prostituição nas peças possui duas partes com interesses contrários e convergentes, a dos clientes e das prostitutas.

3. AS PROSTITUTAS DA COMÉDIA PLAUTINA

A *meretrix* plautina é *expert* em dissimular, e às vezes é explicitamente comparada ao ator, que tipicamente fala ao seu “diretor” que ele não precisa de treinamentos em enganos” (DUNCAN *apud* BARBOSA, 2017, pg. 1). Como já vimos anteriormente, essas mulheres são motivos de risos ao público romano. Mas estaria Plauto tentando apenas fazer o público apenas rir, ou talvez ele também quisesse transmitir aquela sociedade uma mensagem, uma crítica sobre as condições de vida das prostitutas. A perspectiva que norteia essa pesquisa, segue a linha de que Plauto na verdade estaria fazendo uma crítica a sociedade daquela época.

O poeta faz uma abordagem acerca das mulheres prostitutas, mostrando desde sempre que cada uma dessas personagens possuía uma história individual de vida, nem todas tinham a mesma procedência e condição, por isso as prostitutas usavam de suas artimanhas para conseguir sobreviver a uma sociedade desregrada. De certa forma, Plauto, faz uma crítica aos homens que recorriam aos favores sexuais oferecidos por elas. Para que possamos compreender de que modo essa percepção nos é demonstrada, a seguir faremos uma análise de quatro obras do comediógrafo em que o poeta nos aponta essa crítica através de uma espécie de negativo. As prostitutas plautinas serão analisadas conforme seus discursos, e através do olhar de outros personagens no decorrer das comédias.

3.1. Prostitutas de nascimento livre

Nas obras de Plauto frequentemente encontraremos uma categoria de personagens que depois de um longo desenlace descobre-se que essas personagens na verdade foram raptadas na infância. Podemos citar, por exemplo, na obra *Os menecmos*, em que a trama se passa entre dois irmãos, onde um deles teria sido raptado quando criança, mas que ao final o problema é resolvido. Da mesma forma, vamos encontrar algumas prostitutas que no decorrer das comédias descobrem-se de origem livre, mulheres que foram sequestradas na infância, feitas de escravas e conseqüentemente prostitutas, mas ao cabo isto também é resolvido.

Na *Comédia da Cestinha* temos a personagem Selênio, uma jovem aparentemente meiga e apaixonada, esta possui características distintas das demais prostitutas plautinas. No início da obra podemos observar a jovem triste por não conseguir viver sua paixão, sofre com as diversas sensações de um amor sem esperança, pois o fato dela ser uma cortesã é um dos

grandes empecilhos para que não consiga viver seu romance com o seu amado Alcesimarco, cujo jovem é da tradicional família romana. No decorrer da trama, através dos diálogos com sua amiga Gminásio podemos perceber a aflição de Selênio quanto aos sentimentos por Alcesimarco:

GIMNÁSIO: Eu juro-te que vou, sem dúvida, dar o meu melhor. Mas, enquanto estamos aqui com esta conversa, luz dos meus olhos, minha querida Selênio, eu nunca te vi tão triste. Diz-me, por favor, porque está a tua alegria a desaparecer tanto? E também não estás tão elegante como de costume – (*À mãe.*) olha, vê só que suspiro tão profundo ela soltou – e estás pálida. Diz-nos duas coisas: o que tens e que ajuda queres de nós, queremos sabê-lo. Por favor, não me obrigues a afligir-me com tuas lágrimas.

SELÊNIO: Ando atormentada, minha querida Gimnásio, ando infeliz, angustiada; dói-me o coração, doem-me os olhos, ando aflita de todo. O que é que hei-de dizer, a não ser que foi a minha própria estupidez que me arrastou para esta aflição? (*Comédia da Cestinha, pg. 17.*)

A personagem relata seu sofrimento por não poder viver seu romance. A jovem demonstra ser uma menina amorosa e carinhosa, o que não é comum de se esperar em uma prostituta. Conforme Duckworth (1994, pg. 258; *cf.* FERREIRA, pg. 135) as prostitutas que normalmente são apaixonadas por algum jovem são muito mais atraentes e simpáticas, embora Plauto sempre enfatize muito mais o humor e a inteligência dessas meninas do que suas boas ações.

Selênio resiste aos conselhos de Gminásio e Sira, Mãe de Gnimásio, quando tentam convencê-la que uma prostituta não deve entregar-se aos sentimentos amorosos, pois esse tipo de afeto só pode ser sentido por uma matrona, e as cortesãs devem se importar apenas com os benefícios que seus clientes podem proporcionar a elas, sem isso nada mais tem importância.

SIRA: É mais adequado a uma matrona, minha querida Selênio, isso de amar querer amar e passar a vida com aquele com quem se casou para sempre. É que a cortesã, essa, é muito semelhante a uma cidade opulenta; não pode prosperar sozinha, sem a ajuda de muitos homens (pg.19).

Sira é uma lena experiente, que induz a própria filha a ser uma prostituta mercenária, pois sabe que esses tipos de sentimentos devem ser evitados por uma cortesã, e ainda compara a prostituta a uma “cidade opulenta”, ou seja, onde uma mulher que trabalha na atividade sexual não consegue prosperar se não tiver muitos homens, pois quanto mais clientes, mais dinheiro para manter sua casa e seus caprichos.

SIRA: É porque somos escravas libertas que eu e a tua mãe nos tornamos ambas cortesãs; foi ela que te criou, como eu a criei a ela (*Aponta para Gimnásio.*) porque vocês são filhas de pais desconhecidos. E eu não a empurrei para a profissão de cortesã por soberba, mas sim para que não passasse fome.

SELÊNIO: Mas teria sido melhor ter-lhe arranjado um marido.

SIRA: Ora essa! Mas ela arranja marido todos os dias, a sério! Já teve um hoje, vai ter outro dentro de pouco tempo, logo à noite. Eu nunca deixei a que ela se deitasse

sozinha. É que, se ela não tivesse marido, a nossa casa morreria tristemente de fome. (pg. 16).

No decorrer da peça, é importante ressaltar, algumas falas explicam o porquê dessas mulheres exercerem a profissão de prostituta. Nesse trecho podemos observar e interpretar um pouco da história dessas mulheres, e concluir que muitas delas não adentraram ao mundo da prostituição por vontade própria, umas por obrigação e outras pela necessidade de sobrevivência, e assim fizeram com que as filhas prosseguissem o mesmo caminho. Nesse sentido, o medo das péssimas condições de vida é que levavam muitas mulheres ao caminho da prostituição. Conforme Salles (1983, pg. 159; cf. CONCEIÇÃO, 2015, pg. 16) era comum as filhas se prostituírem em favor da sobrevivência da casa, normalmente agenciadas pelos próprios pais, até as mulheres casadas muitas vezes recorriam a atividade sexual para alcançar suas ambições, sejam elas materiais ou espirituais.

Plauto vai construindo a personagem de forma delicada, pois esta não possui características de uma meretriz ardilosa, e ao longo da comédia a jovem resiste em ouvir os conselhos de Gminásio e Sira para que ela não priorize e nem pense em seus sentimentos, mas apenas no dinheiro, nas joias e nos presentes que os seus amantes podem proporcionar.

SIRA: Ó minha querida Selênio, o que se deve fazer é fingir que se ama; é que se amas de verdade, começa logo a preocupar-te muito mais com a pessoa que amas do que com os teus interesses. [...]

SELÊNIO: Estás a ser simpática e uma boa amiga. Mas tu, minha querida Gimnásio, se Alcesimarco vier na minha ausência, não sejas ríspida com ele; apesar do que ele me fez, continua, no entanto, a ser-me muito querido. Mas, por favor, fala-lhe calmamente; não lhe digas nada que o possa magoar. Toma as chaves; se precisares de alguma coisa, serve-te à vontade. Eu vou-me embora (pg. 20-21).

Conforme Duckworth (1994, pg. 259) a jovem Selênio é uma prostituta que independente dos conselhos dos mais velhos para abster-se dos sentimentos amorosos, não deixa de expressar seu amor e fidelidade ao homem que ama. A cortesã mantém-se firme, mesmo seu amado Alcesimarco tendo lhe faltado com a palavra, e preocupa-se com qualquer atitude ou palavra mal interpretada por ele. Duckworth (1994, pg. 260) diz ainda que nas obras de Plauto encontraremos muitas cortesãs que são nomeadas *bonae meretrices*, ou seja, são jovens delicadas e amorosas, e gostam de agradar seus amantes/namorados.

Podemos perceber que a jovem não é uma prostituta como a maioria das meretrizes das comédias plautinas, que têm características de mulheres ardilosas, sem caráter algum, que fazem qualquer coisa para obter dinheiro e presentes. A personagem de Selênio demonstra ser apenas uma jovem apaixonada, que assim como a mãe teve que seguir o caminho da prostituição, por uma necessidade, e não por prazer em exercer a profissão.

MELÊNIS: (Saindo de casa com Selênio.) Conte-te tudo. Agora vem comigo, Selênio, para que te leve para junto daqueles a quem pertences mais do que a mim. Ainda que me custe ficar sem ti, resolvi no entanto fazê-lo, porque tenho de pensar naquilo que é mais vantajoso para ti. (Mostrando uma cestinha.) Aqui estão os amuletos com que te trouxe outrora a mulher que te entregou a mim, ela deu-mos para que os teus pais possam reconhecer-te mais facilmente. (A escrava que a acompanha.) Toma esta cestinha, Halisca. (Lacuna.) Vai, bate a essa porta. Diz que eu peço que venha de lá alguém o mais rapidamente possível (p. 62).

Ao final da peça, através de uma cestinha descobre-se, então, que Selênio é de nascimento livre. A jovem quando recém-nascida foi abandonada numa cestinha e encontrada por Sira que deu a criança a sua amiga Melénis para que cuidasse como sua filha. A cestinha é o objeto fundamental para o reconhecimento de Selênio, e conseqüentemente a jovem por ser cidadã livre consegue viver seu romance com o jovem Alcesimarco, e deixando para trás a vida de cortesã. Conforme Duckworth (1994, pg. 144) na maioria das comédias de identidade equivocada, a cena de reconhecimento permite a prostituta a conhecer seus pais e torna possível o casamento com seu amado.

Outro exemplo de prostituta de nascimento livre é a escrava Cásina, mesmo nome dado a comédia. Em *Cásina* temos no enredo a disputa entre um pai e um filho, que são representados por seus escravos, visto que o pai chamado Lisidamo é casado, e o filho não pode casar com a escrava, pois este tipo de casamento não é permitido. Os dois escravos que disputam Cásina são Olimpião e Calino; Olimpião representa os interesses do velho Lisidamo, por outro lado, Calino representa os interesses do filho que se encontra viajando e de Cléostrata, esposa de Lisidamo.

Nesta comédia o principal motivo pela disputa é a escrava Cásina, podemos dizer que esta é uma prostituta tácita, ou seja, a mesma nem ao menos aparece no palco. Sendo assim, analisaremos os discursos dos personagens que dialogam acerca de Cásina. Em Plauto comumente algumas das personagens são reveladas através de suas ações, ou pela sua descrição, as características podem ser feitas pelos próprios personagens em música ou diálogo ou podem ser descritas por outros personagens, seja na ausência do sujeito, ou até em sua presença (DUCKWORTH, 1994, pg. 268). Em *Cásina*, a escrava que dá nome a peça é, apenas, descrita por outros personagens.

Percebe-se que Plauto de alguma forma tenta talvez nos transmitir a mensagem de que nem sempre as prostitutas são as opressoras, mas sim as oprimidas.

Aqui (Aponta para a casa de Lisidamo.) vive um velho casado, que tem um filho. Este vive juntamente com o pai nesta casa. Ele tem um escravo que está de cama, doente..., ou melhor, para não mentir, que está deitado na cama. Este escravo viu, há já dezesseis anos, uma menina ser exposta de manhãzinha. Ele dirige-se de imediato para junto da mulher que a estava a expor e pede-lhe que Ilha dê. Consegue convencê-la, pega na criança e leva-a directamente para casa; entrega- -a à sua senhora e pede-lhe que cuide

dela e a eduque. [...] Quando a moça atingiu a idade de poder agradar aos homens, o tal velho daqui apaixonou-se perdidamente por ela, e o mesmo acontece com o seu filho. Agora, cada um deles, pai e filho, prepara às escondidas as suas legiões, um contra o outro (Cas. p. 32).

No início do prólogo é contada a história de Cásina, que na infância a menina foi exposta na rua, e entregue a um escravo, e que ao atingir a idade de moça, desperta desejos sexuais nos homens (Lisidamo, Olimpião, Eutinico e Calino). Embora Cásina não apareça no palco, em quase todas as cenas ela se faz presente através das estratégias de cada personagem para casar-se com ela.

Cleóstrata é a matrona ciumenta que demonstra insatisfação com o seu casamento, ao saber das intenções do marido com sua escrava, então procura imediatamente com a ajuda de sua escrava Pardalisca armar uma cilada ao seu esposo, em favor de seu filho:

CLEÓSTRATA: Psiu! Cala-te e vai-te embora. Não o preparo, nem se vai cozinhar nada hoje. Visto que ele está contra mim e contra o seu filho por causa dos seus caprichos amorosos, aquele depravado, vou fazê-lo passar fome e sede, vou vingarme desse apaixonado com injúrias e com más acções. Eu juro que o vou atormentar bem com as minhas bocas; vou fazer com que ele leve a vida que merece, este velho com os pés para a cova, provocador de escândalos, covil de devassidão [...] (p. 38).

Nas obras de Plauto, é perceptível a forma como ele desenvolve o papel do *senex* e da *matrona*, normalmente são em papéis grosseiros, em Cásina temos o velho que se apaixona por uma jovem, e a esposa que se vinga de seu marido infiel, e os escravos que participam da disputa (DUCKWORTH, 1994, pg. 261). Há várias passagens na comédia em que o velho é descrito como um homem pervertido e depravado, que é capaz de fazer qualquer coisa para satisfazer seus desejos sexuais.

LISIDAMO: O que é que queres dizer com isso? O que é que tu sabes?

CLEOSTRATA: Que não há, entre todos os velhos. nenhum que seja mais depravado que tu. Donde vens, meu inútil? Onde é que estiveste? Em que bordel estiveste metido? Onde é que estiveste a beber? Estás c'os copos, c'os diabos! Olha só para o teu manto, como está amarrotado! (pg.45).

Duckworth (1994, pg. 165) define Lisidamo como o personagem mais malandro e lascivo da comédia romana, pois ele tenta passar uma noite com a escrava de sua esposa, e trama para que seu escravo Olimpião case com Cásina para que o velho possa satisfazer seus desejos sexuais.

“LISIDAMO: Perguntas? Em relação à nossa escrava Cásina, que eu quero que seja dada em casamento ao nosso feitor - um escravo às direitas, junto do qual ela terá tudo o que é necessário: lenha, água quente. comida, roupa, e poderá educar os filhos que

der à luz - em vez de ser entregue àquele escravo inútil e escudeiro de meia tigela, um homem que hoje, como pecúlio, não tem um chavo.” (p.46).

Pode-se notar no trecho acima, que a falsa intenção de Lisidamo em arranjar um casamento à Cásina, o leva a contar suas maiores mentiras, e mostra seu lado depravado. De acordo com Duckworth (1994, pg. 166) em *Cásina*, o objetivo era mostrar a derrota das ações do *senex* lascivo. Ao afirmar que Lisidamo pode ser considerado um dos maiores, senão o mais lascivo da comédia romana, pode-se, então, dizer que Plauto além de mostrar como era a sociedade romana na época, ele demonstra em *Cásina* como os homens eram libidinosos, que faziam de tudo para usufruir dos prazeres sexuais, assim como Lisidamo se comporta em relação a escrava, o *senex* não demonstra se importar com o que Cásina realmente deseja. Em certos momentos Lisidamo deixa escapar suas intenções, quando diz: “pois bem, já que ela não quer, vai casar-se hoje mesmo contra a sua vontade. Na verdade, por que razão é que eu não haveria de pôr em prática aquilo a que me propus: que ela case comigo... com o nosso feitor, queria eu dizer” (Cas. v.700).

No decorrer da trama, ao ser questionada sobre sua antipatia com os homens, Cléostrata enfatiza que ser simpática com os esposos de outras mulheres era características das prostitutas, não de uma mãe de família (Cas. pg. 77). No discurso proferido por Cleóstrata, é enfatizado ainda mais a ideia de que as prostitutas são mulheres ardilosas, famintas por dinheiro, ótimas na arte do engano.

A trama se desenvolve pelo conflito com quem ficará com Cásina, e as ações planejadas por Lisidamo são cruciais para o enredo da peça. Além de forjar um casamento, o *senex* é descoberto por sua mulher, e ao final os planos de Lisidamo dão errados, pois na noite de núpcias é colocada uma falsa Cásina para passar a noite com eles (Calino se disfarça de Cásina para enganar Lisidamo e Olimpião). Ao terem caído na armadilha de sua mulher, Lisidamo e Olimpião voltam envergonhados e contam com graça o que aconteceu no quarto com a suposta Cásina.

A comédia *Cásina* é uma história de reconhecimento assim como a *Comédia da cestinha* e *Rudens*, e ao final da peça, Cásina descobre que é filha do vizinho ao lado, fica livre e se casa com o filho de Lisidamo:

[...] voltemos àquela moça que tinha sido exposta, aquela que os escravos desejam, com tanto empenho, para esposa. Vai descobrir-se que ela é honesta e livre, nascida de cidadãos atenienses; e, na verdade, ela não fará nada de vergonhoso, pelo menos nesta comédia (p.33).

Sendo assim, podemos perceber que a visão concebida acerca das meretrizes, de que elas são sempre interesseiras, ardilosas, e que não possuem nenhum caráter é vista na comédia de forma contrária quando refere-se a Cásina, nem sempre são as prostitutas que procuram os homens, são os homens que recorrem à elas para satisfazerem seus caprichos amorosos, e seus desejos sexuais, são eles que se deixam enganar, em *Cásina* é visto que a prostituta não precisa dizer sequer uma palavra.

Seguindo a categoria das prostitutas de nascimento livre, na peça intitulada *Rudens*, conta a história de uma prostituta chamada Palestra, que quando tinha três anos foi raptada e vendida ao alcoviteiro chamado Lábrax. No prólogo de *Rudens*, é descrito a origem de nascimento de Palestra, esta foi raptada ainda criança e “um homem sem-vergonha comprou-a ao raptor” (RUDENS. 2011 pg. 22), transformando Palestra em escrava e prostituta. Mas a jovem sempre soube que era livre de nascimento, pois tinha consigo pertences que lhe foram dados por seus pais. Logo depois que Pleusidipo apaixonou-se por Palestra e a compra de Lábrax; esta é enganada pelo alcoviteiro que incitado por um velho a viajar para Sicília, porque “havia muitos homens dados aos prazeres, e que poderia ficar rico, porque havia lá grande procura de meretrizes era grande” (RUDENS. 2011 pg. 22), devido a sua ambição ele parte em um navio para esta ilha, quebrando o acordo que fez com Pleusidipo.

Mas Arcturo, narrador do prólogo, envia infortúnios como forma de punir o alcoviteiro, que perde todos os seus pertences, em que se incluem Palestra e Ampelisca, suas escravas, que seguindo a ordem social romana da época lhe pertenciam, porque os escravos eram bens que pertenciam aos seus donos, principalmente, as mulheres escravas exploradas pela prostituição, pois quando “crianças raptadas e tornadas escravas, a função de servir, até no âmbito do prazer, (sic) é uma questão de obrigação” (CONCEIÇÃO, 2014, pg. 16). Isso vale para mulheres nascidas escravas, ou nascidas livres e tornadas escravas, em ambos os casos são levadas à prostituição sob o jugo de um *leno*.

PALESTRA: (vinda da praia) [...] Se soubesse que eu ou os meus pais tínhamos cometido algum sacrilégio, não me queixaria tanto. Mas crime do meu dono que me atormenta, sua impiedade causa meu mal. Ele perdeu no mar o navio tudo o mais. Sou que resta dos seus bens[...] Frio, indecisão, pavor, tudo se apodera de mim. Meus infelizes pais, não sabeis como sou agora tão desgraçada! Nasci livre, sem dúvida. Em vão! Será que minha escravidão é agora menor do que se tivesse nascido escrava? aproveitou alguma coisa àqueles que me deram vida? (PLAUTO, *Rud.* 2011, p. 29-30).

Percebemos nos excertos acima essa realidade das prostitutas em Roma, quanto ao tratamento que elas recebiam de seus donos, no caso de Palestra e Ampelisca, do alcoviteiro

Lábrax, mostrando uma realidade em que ambas o descrevem como cruel e impiedoso, como podemos ver também na fala de Ampelisca, para ela “mais vale morrer do que suportar que alcoviteiro me maltrate. Mas apenas tenho coragem de mulher. Quando penso na morte, medo apodera-se do meu corpo. Por Pólux, que dia desgraçado!” (PLAUTO, Rud. 2011, pg. 58).

Palestra apresenta uma lamentação em suas falas, pois tem consciência de que nasceu livre e por algum castigo ou crime que seus pais cometeram, esta foi desgraçada a uma vida de escravidão. “Na literatura, aliás, não faltam exemplos de como alguém de origem livre podia facilmente ver-se envolvido no negócio da prostituição. Raptos e crianças expostas são os casos mais frequentes” (RODRIGUES, 2009, pg. 392), como é o caso de Palestra. Diferente dela, Ampelisca entende sua condição de escrava e é indiferente a essa questão, porque sabe como o jogo social entre homens e mulheres funciona, considerando sua condição.

CEPARNIÃO: Porque me negas amabilidade, que um cidadão dá outro?

AMPELISCA: Pelo contrário, meu querido, farei tudo que quiseres.

CEPARNIÃO: (à parte) Bravo! Estou safo. Já me chama "seu querido". (Ampelisca.) Vamos dar-te água. Não me amarás em vão. Dá-me vaso.

AMPELISCA: Toma. Leva-o depressa (PLAUTO, Rud. 2011, pg. 45).

Quando Ampelisca vai à procura de água e atendida por Ceparnião, ela a princípio o rechaça, mas logo depois entende que em sua condição para ter um pedido atendido por qualquer homem é necessário um acordo. Por isso, ao ser cortejada por Ceparnião, Ampelisca entende suas intenções e que para conseguir o favor de um homem precisa lhe servir favores, é somente mediante a uma promessa de lhe cumprir favores que este lhe atende. De acordo com Conceição (2011, pg. 23) “os romanos denotam às mulheres que lhe dão prazer somente um valor de objeto e mercadoria, emprestando uma pessoa com o mesmo teor corriqueiro com que se lida com uma coisa”.

Em outra passagem vemos a realidade das prostitutas quanto ao direito que seu dono tem sobre elas. Quando Palestra e Ampelisca, depois do naufrágio, vão para o templo com a sacerdotisa Ptolemocracia, estando sob a proteção de Vênus, tendo como defensores Démones e Tracalião que impedem o *leno* de tomar as duas para si. Lábrax acusa os dois dizendo que “roubaram-me o que meu por direito. Levas-me as minhas escravas contra minha vontade” (PLAUTO, Rud. 2011, pg. 59).

Assim, o alcoviteiro defende esse direito de propriedade que ele tem sobre Palestra e Ampelisca, baseado na hierarquia social romana. Ao saberem da origem de nascimento de Palestra, Tracalião e Démones mostram-se arredios em ceder a Lábrax, ainda que conhecessem

como funciona a organização social romana, mas também entendem que pelo fato de Palestra e Ampelisca estarem refugiadas em um templo havia a necessidade em respeitar os deuses.

LÁBRAX: Paguei por ambas ao dono quem pertenciam. Não interessa que sejam de Atenas ou de Tebas, contanto que me sirvam devidamente sua servidão.

TRACALIÃO: Ai é, meu descarado? Com que então, ladrão de raparigas, roubas aos pais crianças nascidas livres e desonra-las com uma profissão indigna? [750] Quanto outra (aponta para Ampelisca), não sei mesmo qual sua terra, mas sei que melhor do que tu, grande indecente (PLAUTO, Rud. 2011, p. 62).

Há que se analisar que a atitude de Tracalião em defesa de Palestra e Ampelisca tratava-se de um interesse próprio. Em sua condição de escravo e servo de Pleusidipo orchestra todas as formas para que Palestra se torne livre para seu amo, também considerando seus desejos particulares de tomar Ampelisca como sua esposa. Mas para isto era necessário que ambos fossem livres, pois na Roma Antiga o casamento entre escravos não era reconhecido legalmente.

Tracalião é um personagem ardiloso, que cumpre sua função de servo e consegue possibilitar que as ações favoreçam o seu amo e a si próprio, que descreve Lábrax como “grandíssimo velhaco, malvado, parricida, perjuro, homem sem lei, desavergonhado, infame, um grande descarado, numa palavra: um alcoviteiro” (PLAUTO, Rud. 2011, pg. 55), também chamado de *leno*, um sujeito socialmente desprezível. Rodrigues (2009, gp. 402) pontua que “o leno é um mercador de escravos especializado, mas que, dado o tipo de «mercadoria» que transaciona, é colocado no fundo da hierarquia dos homens livres, e sujeito a uma série de limitações sociais”, em que podemos inserir Lábrax.

Depois de várias situações pelas quais passam Palestra e Ampelisca, através dos pertences de Palestra que está na mala de Lábrax, Tracalião e Pleusidipo conseguem identificar os nomes dos pais de Palestra, assim, ela própria descobre que é filha de Démones, e finalmente fica livre de Lábrax e se casa com o jovem Pleusidipo.

Em suma, a presença da prostituta nas comédias de Plauto é constante, considerando suas características em cada peça. Destaca-se que na literatura plautina há várias personagens que se caracterizam como pessoas de origem livre, mas que por algum motivo acabam por se tornar prostituta, a exemplo, temos *Selênio*, *Cásina* e *Palestra* que foram raptadas ainda criança e vendida, sendo envolvida no negócio da prostituição, mas que no final da peça descobre sua origem de romana livre.

A partir das leituras das personagens analisadas pode-se observar as condições da realidade das prostitutas na sociedade romana, considerando aqui, as crianças nascidas livres que eram raptadas, vendidas e subjugadas como escravas prostitutas. Portanto, o que

encontramos em Plauto é um retrato da vida romana, e que na verdade podia ser encontradas algumas mulheres que eram raptadas em terras longínquas, e que Plauto de alguma forma chama a atenção do seu público para poder demonstrar que as prostitutas que viviam nas ruas, as quais muitos homens recorriam a elas, as mesmas têm uma história pela qual as pessoas não se interessam. Então podemos dizer que talvez Plauto fosse a voz dessas mulheres que não tinham voz na época, mas vale ressaltar que ainda se trata de uma voz masculina, e por mais que o comediógrafo demonstre sensibilidade, ainda é a voz de um homem.

3.2. Prostitutas sem o leno

Nas obras plautinas encontraremos também uma categoria de prostitutas que não possuem o *leno*, ou seja, são mulheres que são independentes, sem dono. Plauto contempla essa categoria de mulheres, desde a dona de um bordel até aquela prostituta que ao invés de ser dominada por um *leno*, vivia nas dependências de outra mulher.

Como representantes desta classe, temos Fronésio e Astáfio. Fronésio é dona de seu próprio bordel, desfrutando dos préstimos ardis de sua escrava Astáfio, que na ausência de sua *lena* presta os mesmos serviços que sua patroa. É esporádico vermos nas comédias prostitutas que possuem seu próprio negócio, visto que são sempre os homens que exercem essa função. N’*O truculento* é possível observarmos essa condição, Fronésio é uma mulher extremamente artilosa, característica essa que abordaremos em outra categoria, mas aqui iremos nos centrar apenas na sua independência.

Comumente as prostitutas eram administradas por um *leno*, “uma das figuras mais pitorescas de Roma, particularmente utilizada pelos poetas cômicos em suas peças” (SALLES, 1983, pg. 188). Os *lenos* eram mercadores de escravos, que agiam de maneira tirana com suas escravas prostitutas, que constituía a principal fonte de renda a eles.

Conforme Salles (1983, pg. 187), as moças que eram alugadas ou vendidas por uma noite, não recebiam sequer uma quantia do dinheiro que ganhavam durante seu ofício, todo o lucro decorrente de seu trabalho ou de sua venda ficava nas mãos de seu *leno*, até mesmo os presentes que as prostitutas conseguiam de seus amantes. Entretanto existiam aquelas que não tinham um dono, muitas ficavam nas entradas das cidades romanas, pois o cemitério localiza-se na entrada, e normalmente essas mulheres ficavam escondidas atrás dos túmulos para abordar as pessoas que chegavam e saíam da cidade. As prostitutas que comumente frequentavam estes tipos de lugares, eram mulheres de uma classe social mais baixa, mulheres casadas que quando

se divorciavam, eram renegadas pela família, e adentravam ao mundo da prostituição como uma forma de sobrevivência. De acordo com Rodrigues (2009), essas mulheres:

[...] constituíam vários tipos e provinham de vários lugares. Na verdade, ao contrário da evolução diacrónica do fenómeno sociológico em si, a prostituta romana era heterogénea. Na maioria dos casos, as mulheres e os homens que se dedicavam à actividade eram escravos. Na verdade, o recurso aos favores sexuais do servo de uma casa era mesmo tido como algo comum, ainda que isso não implicasse necessariamente comércio. Mas não eram apenas os servos que se dedicavam à prostituição. Muitas vezes, homens e mulheres alforriados encaravam-na como uma alternativa de vida, uma vez que, com ela, podiam permitir-se a uma independência financeira que, de outro modo, não seria exequível para a sua existência económica. Plauto é uma vez mais testemunha dessa realidade. Mas havia outras origens e causas (RODRIGUES, 2009, pg. 391).

No exemplo demonstrado por Plauto, temos a prostituta Fronésio, vista como “a rainha das cortesãs de Plauto, a mais desejada e cúpida das meretrices plautinas” (CORDEIRO, 2010, pg. 24). No decorrer da comédia, Fronésio é descrita na maior parte da obra através dos discursos de outros personagens. A mesma usa de suas habilidades para conseguir alcançar seus objetivos, enganando seus três pretendentes: Diniarco, um jovem que ateniense; Estratófanos, um soldado; Estrabáx, um jovem camponês.

N’*O truculento*, temos um universo de mulheres independentes, onde estas não possuem um homem como patrão. Assim como Fronésio, Astáfio também segue as mesmas características de sua patroa, pode-se até dizer que a escrava é uma versão de sua *lena*, pois usa de suas artimanhas para enganar os seus amantes, e não possui qualquer tipo de remorso em dilapidar o patrimônio de seus clientes, a mesma fica encarregada de contar as mentiras aos pretendentes de Fronésio. Astáfio é uma prostituta leal a sua ama, coisa que não vemos nas obras quando o dono é um homem, parece que não existe a mesma cumplicidade, nem o interesse em guardar o dinheiro, e não parecem ser mulheres tão vorazes assim, talvez porque elas saibam que a maior parte do dinheiro vai ficar para o *leno*, e muitas vezes não recebiam nada (SALLES, 1983, pg. 187).

Conforme Cordeiro (2010, pg. 24) a personagem de Astáfio se desenvolve em uma escrava inteligente “ligeira nas afirmações, hábil nas atitudes e pensamentos, de tal maneira é uma excelente estratega e dominadora das situações”, que além de sempre ajudar Fronésio para obter novos bens, a escrava também substitui a sua ama no âmbito sexual, como demonstra Diniarco ao dizer “mas está ali precisamente Astáfio, a criada preferida de Fronésio. Também com ela eu mantive relações” (TRUC. V. 90).

As prostitutas sem o *leno*, ou seja, que são independentes, também irão se encaixar dentro do universo das prostitutas ardilosas que veremos a seguir.

3.3. Prostitutas ardilosas

Entre tantas visões acerca das prostitutas plautinas, veremos a seguir a categoria das prostitutas ardilosas, características comuns nas obras de Plauto, mas por que as prostitutas eram ardilosas? Eram más por natureza ou apenas por instinto de proteção? Como já visto anteriormente, as prostitutas ardilosas eram aquelas que eram independentes, pois aquelas que tinham um *leno* não ganhavam dinheiro para elas. Muitas prostitutas viviam em lugares insalubres, e que na verdade elas apenas usavam suas artimanhas para conseguir sobreviver numa sociedade que estava disposta a comprar o prazer, e estas mulheres estavam dispostas a vender.

Plauto tenta nos mostrar que essas mulheres eram vítimas de uma sociedade desregrada e depravada, que ao mesmo tempo não respeitavam os direitos das mulheres. Hoje nos podemos ter essa compreensão, mas talvez os romanos não tivessem. As mulheres oprimidas com ou sem essa consciência, são oprimidas sempre.

Dentre as meretrizes ardilosas, temos como principais representantes Fronésio, Astáfio (*O truculento*) e Gminásio (*A comédia da cestinha*). Conforme Ferreira (2015, p. 69) Plauto em suas comédias “descreve com frequência os subterfúgios que essas meretrizes utilizavam para obter presentes de seus amantes. Às vezes, através de reclamações, estas obtinham casas ou propriedades de jovens ingênuos”. Segundo Duncan (*apud FERREIRA, 2015, p. 70*) a prostituta interesseira é a verdadeira *meretrix* plautina, que possuem um mau caráter, e estão sempre dispostas a arruinar seus amantes.

Primeiramente falaremos de Fronésio, uma das representantes das classes das prostitutas interesseiras, assim como Erócia, de Menecmos, entre outras. O caráter dessa personagem na comédia plautina é claramente evidenciado através de suas falas e ações, e por meio das descrições feita por outros personagens no decorrer da peça. Nesta obra Fronésio não hesita em explorar seus três amantes. No início da comédia, esta já é descrita com tais características de uma meretriz sem escrúpulos:

Aqui mora uma mulher chamada Fronésio. Ela possui em si os costumes deste nosso tempo: nunca reclama aos [seus] amantes o que estes já lhe deram, mas, quanto ao que lhes resta, esforça-se por que nada lhes reste, pedindo e arrebanhando, como é costume das mulheres. Na verdade todas procedem assim, quando sentem que são amadas (truc. V. 15, pg 55).

Pode-se perceber que a imagem das meretrizes é construída de forma geral, são descritas como mulheres sem escrúpulos, que não medem esforços quando se trata em explorar seus

amantes, e não demonstram nenhum tipo de afeto por estes, cujo seu principal objetivo é se aproveitar dos bens destes sujeitos até levá-los a pobreza. Em algumas passagens da comédia, Diniarco (amante de Fronésio) fala como as prostitutas começam a arruinar seus amantes, o jovem diz que “em primeiro lugar, o sustento de um ano: esse é o primeiro golpe” (Truc. v.30(59). Este ainda reclama:

DINIARCO: Ainda lhe não deste um único presente, ela já está a pedir-te um cento: ou foi uma jóia de ouro que desapareceu, ou uma mantilha que se rasgou, ou comprou uma serva ou algum vaso de prata, ou um vaso de bronze, ou algum leito de pedra, ou uns pequenos armários gregos ou ... sempre qualquer coisa, de pedra que o amante deve à sua puta. E, enquanto arruinamos os nossos bens, a nossa reputação e a nós próprios, nós ocultamos isso, em segredo, com o maior cuidado, não venham os nossos pais e os nossos familiares a sabê-lo (Truc. v. 50-55) 60-65).

Plauto permite-nos enxergar o quanto as prostitutas eram profissionais na arte do engano, e o quanto que os homens deixavam enganar-se, pois fica evidente a todo momento as artimanhas que as prostitutas utilizam para adquirir “presentes”. No decorrer da comédia, vemos que Fronésio, para obter benefícios de seu amante Estratófanés, forja uma gravidez para enganar o jovem soldado, que por sua vez acredita nessa façanha. Estratófanés não é capaz de perceber que a data de sua partida para a guerra não coincide com a gravidez de Fronésio, pois “isso teria sido impossível de acontecer, pois as luas que um menino demorava a gerar não batiam certas com a data da última estada amorosa entre ele e a cúpida Fronésio” (CORDEIRO, 2010, pg. 18).

DINIARCO: Ela, depois que encontrou um outro que lhe dava mais, mais gastador, logo [me] tirou daí e colocou nesse lugar aquele que ela, anteriormente, na sua malvadez, dizia que lhe era odioso: um soldado de Babilónia! Diz-se que ele vai chegar hoje do estrangeiro. Vai ela então magicou uma artimanha: finge que deu à luz, para me pôr a andar daqui para fora; finge que o tal soldado é o pai da criança. E foi para poder levar uma vida regalada só com o soldado, que ela † precisou de inventar, ignobilmente, a história desta tal criança. Julga ela que me engana. Acaso pensou que, se estivesse grávida, podia passar-me despercebida? (Truc. v.80-90).

Diniarco descreve Fronésio como uma mulher interesseira, sendo uma das características bastante comum das prostitutas nas comédias de Plauto, são descritas como mulheres ardilosas, que faziam de tudo para dilapidarem os bens de seus amantes, e assim que conseguiam, dispensavam. De acordo com Grizoste (2018, pg. 18) somava-se “uma quantidade de ardis e sutilezas das prostitutas fomentadas por sua própria ganância e pela fraqueza dos amantes, capazes de entregar até a vida”, assim como se comportam os três amantes de Fronésio.

Conforme destaca Grizoste (2018, pg. 49) mesmo conferindo características ardilosas às prostitutas, Plauto também, em dado momento, demonstra que essas mulheres podem sentir

algum tipo de afeto, quando o Fronésio confessa que ao ser chamada de mãe mais se apega a criança:

Por Pólux, que invenção mais torpe! E quando eu perscruto o meu coração sobre este assunto, somos tidas muito menos malvadas do que somos por natureza!⁴⁷ Eu estou a falar por experiência, a começar por mim, por experiência própria. Quanta preocupação há na minha alma, quanta dor atinge o meu coração, no receio de que o meu ardil termine com a morte do menino! Ao ser chamada mãe, ainda mais me apego à sua vida, eu que agora ousei empreender uma fraude, [um dolo] tão grande! (TRUC. V. 450-458).

Nas comédias de Plauto, é comum vermos muitos “homens falidos, desesperados, desprezados pelas prostitutas” que estão sempre em busca de uma nova presa, um novo amante que possa continuar a sustentar a casa (GRIZOSTE, 2018, pg. 49). Apesar de todas as artimanhas utilizadas pelas prostitutas, no entanto, pode-se perceber que mesmo Diniarco sabendo das más intenções de sua amada, o mesmo não hesita em ajuda-la, e continua recorrendo aos seus serviços, e gastando todo seu dinheiro para usufruir da companhia da prostituta.

No que diz respeito a personagem de Astáfio, esta não perde tempo quando se trata em enganar os homens que frequentam o bordel de sua patroa Fronésio. Em certos momentos, Astáfio deixa claro que o homem que não tem dinheiro para pagar por seus serviços não são bem-vindos ao bordel, e ressalta que são eles os próprios culpados por arruinar seus patrimônios, ou seja, ninguém os obriga a irem atrás das meretrizes, estes recorrem a elas por livre e espontânea vontade, mesmo sabendo que o real interesse delas é somente o dinheiro, e não o afeto.

ASTÁFIO: Astáfio (encolhendo os ombros) Se tu me parecesses estar em teu juízo, sempre te diria: “Estás a injuriar-me”. Nenhum homem costuma perder-se aqui em nossa casa; perdem os seus bens. Logo que os tiverem perdido, podem ir-se embora daqui, se quiserem, são e salvos (Truc. 84-85).

Através dos discursos de Astáfio, podemos perceber o quão inteligente e ardilosa a escrava demonstra ser. Fica evidente as intenções de Astáfio, que rapidamente muda seus discursos grosseiros para uma fala mais sutil quando percebe que o cliente possui dinheiro para gastar no bordel, e mesmo o homem mais esperto é dominado por sua lábia, assim como descreve Truculento (personagem que dá nome à obra), “mas embora ele seja violento, estou certa de que pode ser modificado com carícias, pedidos e outras artimanhas próprias das meretrizes. É que eu já vi um elefante da Índia ser domado, bem como outros animais ferozes” (truc. v.305), esta compara os homens aos animais, mesmo os mais brutos podem ser manipulados com as técnicas de persuasão das prostitutas.

Nota-se o quanto Plauto enfatiza de forma humorada os subterfúgios que as prostitutas usam para obter vantagens, mostra que as prostitutas não estão interessadas em sentimentos amorosos, e sim nos bens que lhes podem oferecer, por isso quando os clientes chegam a falir, são descartados, e dão lugar aos outros, cujo os bens ainda podem ser dilapidados. Astáfio em conversa com Diniarco, ressalta que só podem usufruir de seus serviços, aqueles que ainda podiam pagar:

DINIARCO: Eu não vou poder entrar agora em vossa casa?

ASTÁFIO: Porquê tu, de preferência ao soldado?

DINIARCO: Porque de facto eu dei mais.

ASTÁFIO: Mais vezes te foi dada entrada, de facto, quando podias pagar. Deixa que os que pagam, gozem por sua vez do nosso serviço [pelo serviço] que pagam. Tu aprendeste as letras. Se já as sabes, deixa que outros as aprendam! (Truc. 730-735).

Segundo Duncan (*apud* Ferreira 2017, pg. 5) mesmo os homens sabendo que estão sendo enganados pelas prostitutas, e que seus carinhos sejam fingimento, eles não deixam de procura-las, pois não conseguem resistir ao charme e artimanhas dessas mulheres. Grizoste (2018, pg. 49) corrobora ainda ao dizer que “a ausência de sentimento da prostituta conjugada ao fingimento que lhe é necessário para a prática sexual torna-se, por assim dizer, o homem uma potencial presa”.

Conclui-se que independente de suas ardilezas, as prostitutas deixam claro a todo momento suas intenções, elas estão ali para satisfazer os desejos sexuais de quem as procura, e não estão ali para amar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as personagens prostitutas nas obras de Plauto, através de uma visão crítica à sociedade quanto à prostituição. A importância de trabalharmos as obras literárias de Plauto, pois é importante sabermos as origens de nossas raízes na Cultura Romana, partindo da compreensão acerca da vida das prostitutas na sociedade romana. Obter conhecimento acerca da vida dessas mulheres, fez com que a visão preconceituosa concebida anteriormente desaparecesse.

Falar sobre prostitutas ainda é um tabu, isto, porque desde os primórdios são vistas de forma negativa. Plauto vale-se dessa imagem deturpada e preconceituosa para retratar essas mulheres em suas comédias, mostrando a real condição das prostitutas relegadas pela sociedade da época, que só pensava em satisfazer seus prazeres mais obscuros.

A partir das análises das obras selecionadas para esta pesquisa, pode-se observar a realidade precária das mulheres que vendiam o prazer. Plauto para além de fazer o público rir, na verdade está criticando não as prostitutas, mas aqueles que recorrem a elas, sendo que estas na realidade são exploradas. Como vimos neste trabalho, há aquelas que são escravas raptadas na infância e transformadas em prostitutas, aquelas que não precisavam sequer dizer alguma coisa para que os homens recorressem a elas. Portanto, o que se viu é que essas mulheres agiam de forma cordial e ardilosa pela necessidade de sobrevivência, pois viviam em uma sociedade desigual e depravada, em que Roma se transformava em uma civilização de excessos e o sexo ocupava lugar de grande destaque.

A forma mais fácil para essas mulheres sobreviverem era conseguindo dinheiro com homens lascivos. Elas não estão ali para amar, mas apenas para vender o sexo e os homens é que se deixam enganar. O homem romano não estava interessado em saber sobre a história delas, eles recorriam às prostitutas sem saber sobre sua vida, isso não interessava, de certa forma Plauto queria mostrar isso à sociedade.

Esta pesquisa busca contribuir para os futuros estudos sobre as comédias de Plauto, mostrando que desde sempre eram retratados temas tão atuais, mesmo que de forma disfarçada, assim como ocorria nas comédias plautinas no que diz respeito às prostitutas, podendo servir como material de apoio teórico para realizações de novas pesquisas sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autores Clássicos

HORÁCIO. *Sátiras*, trad. Antônio Luis Seabra. São Paulo, Edipro, 2011.

PLAUTO, *O Truculento*, trad. Adriano Milho Cordeiro, Coimbra, CECH, 2010.

___, *A comédia da Cestinha* (Cistellaria), Trad. Aires Pereira do Couto, Coimbra, CECH, 2010.

___, *Rudens*. Trad. Maria Gonçalves. Coimbra: FESTEIA, 2009.

___, *Cásina*. Trad. Aires do Couto. Lisboa: Edições 70, 2006.

Apoio Teóricos

ADAMS, J. N., "'Words for prostitute' in Latin" *Rheinisches museum für Philologie* 126 (1983), 321-358.

CASQUERO, Manuel Antonio Marcos. "La prostitución en la Roma antigua". In: IBÁÑEZ, Jesus María Nieto. *Estudios sobre la mujer en la cultura griega y latina*. León, Universidad de León, 2005.

CONCEIÇÃO, Brunna Mayra Vieira da. *Aquelas que amam sem amar: as prostitutas nos textos literários e jurídicos romanos*. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014 (monog. policop.).

CORREIA, Damares Barbosa. *O mercador de Plauto: Estudo e tradução*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2007.

DUCKWORTH, G. E. 1994. *The nature of roman comedy: a study in popular entertainment*. University of Oklahoma Press: Norman.

FERREIRA, Caroline Barbosa Faria., "A meretrix plautina". *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos* 1 (2013) pp. 135-147.

GOIS, Maíra Lima de; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. "De dentro de fora e de fora pra dentro: Representações sociais da prostituição feminina". *Interações* 23 (2013) pp. 71-87.

GONZÁLEZ, Carmem Herreros. "Las Meretrices romanas: Mujeres libres sin derecho" *Iberia – Revista de la antigüedad* 4 (2001) pp. 111- 117.

GRIZOSTE, Weberson Fernandes. "As prostitutas na poesia latina do século I a.C." *Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins* (2018) p. 48-54.

___, *A linguagem desbragada e obscena na poesia latina*, Araquara,: FCLAr, Faculdade de Ciências e Letras, 2020 (policop.).

MEYER, Erika Oliveira. *Comédia latina: a "mídia" antiga*. 1999. 46 f. Monografia (Bacharelado em História), Universidade Federal de Ouro Preto, 1999.

OLIVEIRA, Francisco de. "O amor nas sátiras de Horácio e seus predecessores". PEREIRA, Rocha; FERREIRA, José Ribeiro; OLIVEIRA, Francisco de (orgs.). *Horácio e sua perenidade*, Coimbra: CECH/ Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 21-53.

- PERES, Vanessa de Souza. “*A representação do feminino em Epidicus, de Plauto*”. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014 (dissert. Policop.).
- ROCHA, Carol Martins. “Perfume de mulher”: riso feminino e poesia em *Cásina*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística, na área de Letras Clássicas). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- RODRIGUES, Nuno Simões. “Nas margens da sexualidade em roma: do *lvpanar* à *lvpa*”. In: RAMOS, José Augusto; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões (coords.), *A sexualidade no mundo antigo*. Porto: Clássicas-Artes Gráficas, 2009, p. 48-54.
- SADABA, José Luiz Ramirez. “La prostitucion: um médio de vida bien retribuido”. In: MINGUEZ, Linotipias; CORONADO, Carolina (Coord). *Actas de las V Jornadas de investigacion interdisciplinaria: la mujer en el mundo antiguo* (1986) pp. 225-235.
- SALLES, Catherine. *Nos submundos da Antiguidade*. Trad. Carlos Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SOUZA, Mariza Mencialha de. “Plauto e a aulularia”. In *VIII congresso nacional de lingüística e filologia (I Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Línguísticos)*, 2004.
- WEISNER, Lauren. “The Social Effect the Law had on Prostitutes in Ancient Rome”. *Grand Valley Journal of History* 3 (2014).